

MENSAGENS AOS PARTICIPANTES

Mensagem do Presidente da APRH

É com o maior prazer que a Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos recebe em Coimbra os participantes do IV Simpósio de Hidráulica e Recursos Hídricos dos Países de Língua Oficial Portuguesa, a Associação Brasileira de Recursos Hídricos e a Associação Moçambicana para a Ciências e a Tecnologia, ambas coorganizadoras deste evento.

Mais uma vez é possível estreitar as relações técnicas e científicas entre os países lusofonos, na extensão do que já aconteceu a nível das relações pessoais com tantos dos nossos colegas.

Que este Simpósio sirva para este reforço e para a procura dum espaço profissional comum potenciado pela língua e traços culturais que nos unem.

Os objectivos principais do Simpósio são:

- Promover o avanço do conhecimento nos domínios da hidráulica e Recursos Hídricos;
- Promover o intercâmbio de ideias e de experiências nos domínios da Hidráulica e Recursos Hídricos, entre a comunidade técnica e científica de expressão portuguesa;
- Estimular acções de formação, de investigação e de desenvolvimento de interesse comum.

Com o empenhamento de todos estes objectivos não serão difíceis de conseguir e constituirão mais um marco na nossa profícua relação.

Quero agradecer em nome da APRH o esforço, empenho e dedicação da Comissão Organizadora da Comissão Científica e do Secretariado sem os quais esta reunião não teria sido possível.

Quero agradecer também à ABRH e à AMCT o estarem presentes com representações tão dignas.

Por fim, quero saudar todos os participantes e desejar-lhes uma interessante troca de experiências e motivadores debates que tornem este IV SILUSBA um sucesso idêntico aos anteriores.

Mensagem do Presidente da ABRH

Tenho imensa satisfação em dirigir-lhes estas poucas palavras em nome da ABRH, isto é, de seus quase mil associados, marcadas essencialmente pelo espírito fraternal de reencontro com colegas e amigos, parceiros de jornadas em prol do desenvolvimento científico nos países de língua oficial portuguesa.

Inicialmente, devo dizer que esta satisfação decorre da constatação que uma ideia, nascida por volta do início dos anos 80, qual seja a de reunir especialistas no domínio da Hidráulica e dos Recursos Hídricos nos países de língua oficial portuguesa, está consolidada, como demonstra a série de encontros como este que agora se realiza em Coimbra. E mais do que isto, é importante notar também que a motivação para a produção científica em torno destes temas e o intercâmbio de conhecimento e de experiências, facilitado pelo idioma comum, constituem, não obstante as distâncias geográficas que nos separam, um forte argumento de manutenção dos laços de amizade que tradicionalmente se renovam entre os povos de nossos países.

Em segundo lugar, gostaria de manifestar minha alegria pessoal por estar neste momento, outra vez, participando, modestamente, da organização de mais um destes encontros, pois tive a honra de, em 1983, coordenar a realização do primeiro deles, na cidade de Blumenau. Devo dizer, no entanto, que sou testemunha virtual do sucesso que certamente compensará, à larga, o esforço que os colegas de Coimbra, e de resto a Comissão Organizadora do IV SILUSBA, devem ter dedicado a esta realização.

A representação brasileira é composta de mais de quatro dezenas de trabalhos, técnicos submetidos à apreciação e discussão pelos participantes. No momento em que escrevo esta mensagem, estou animado pela perspectiva de participação efetiva de mais de duas dezenas de autores e interessados em acompanhar os trabalhos.

Há uma amostra significativa da gama de temas aos quais se dedicam os profissionais brasileiros, quer sejam do âmbito acadêmico, voltados ao desenvolvimento da ciência, quer sejam da engenharia aplicada e da administração dos recursos hídricos.

É interessante notar, em especial para aqueles que por força da distância não têm a oportunidade de acompanhar detidamente as realizações brasileiras nos domínios em pauta, o extraordinário avanço que o país vem experimentando nas duas últimas décadas, precisamente aos longo do período de existência da ABRH. Isto evidentemente não é pura coincidência, senão fruto de um esforço ao qual a Associação muito tem contribuído, com o incentivo à pesquisa e formação de quadros profissionalmente habilitados para a solução dos grandes problemas nacionais no que se refere ao melhor uso do precioso recurso natural que é a água.

A série SILUSBA tem o grande e importante objectivo de alargar o horizonte em nossos campos de interesse científico especializado, tal como os heróicos exploradores d'além-mar estenderam as fronteiras comerciais e culturais portuguesas há quinhentos anos. É portanto com esta expectativa, que formulo os melhores votos de êxito aos organizadores e de bom proveito a todos os participantes do IV SILUSBA.

Mensagem do Presidente da AMCT

É com imensa satisfação e orgulho que a AMCT saúda e se dirige a todos os participantes neste IV SILUSBA. E seja-nos permitido começar por recordar de forma breve o surgimento do SILUSBA e o envolvimento da AMCT.

Estes Simpósios de hidráulica e recursos hídricos tiveram início em 1983 e começaram por ser luso-brasileiros - SILUSB. A presença de técnicos dos PALOP era nula ou muitíssimo escassa, até que no IV SILUSB, em Lisboa em 1989, se registou uma presença de 7 participantes moçambicanos. Essa presença foi acolhida com muito interesse pelos nossos colegas portugueses e brasileiros e cremos que terá sido então que começou a germinar a ideia de alargar o âmbito do SILUSB aos países africanos de língua oficial portuguesa, transformando-o em SILUSBA - o que veio a acontecer em Lisboa em 1994, onde o VI SILUSB passou a ser o I SILUSBA, graças ao entusiasmo e empenho da APRH, da ABRH e da Comissão Organizadora Portuguesa.

Nesse I SILUSBA, no qual participaram 8 técnicos moçambicanos, a Comissão Organizadora Portuguesa integrava um colega moçambicano - estratégia que ajudou à boa presença de Moçambique. Verificou-se também a presença de alguns técnicos dos outros PALOP.

No II SILUSBA, realizado no Brasil em 1995, a participação moçambicana reduziu-se a 2 técnicos, contando-se ainda com a presença de outros técnicos dos PALOPs. Mesmo assim, a APRH e a ABRH entenderam que já era altura de lançar o desafio de se organizar um SILUSBA num dos PALOP.

Esse desafio foi acolhido pela novel Associação Moçambicana de Ciência e Tecnologia, criada em Julho de 1996. Não sendo uma instituição especialmente dirigida para a área de recursos hídricos, vinha porém a marcar aí a sua presença através de debates e publicações.

Com o significativo apoio das autoridades de Moçambique e de muitas outras entidades, o III SILUSBA realizou-se em Maputo em Abril de 1997, tendo sido considerado pela grande maioria dos participantes como um evento muito bem sucedido - pelo número de participantes de Moçambique e dos restantes países; pelas qualidades das comunicações, painéis e debates; pelo excelente convívio que proporcionou; e pelo próprio nível de organização demonstrado.

O Simpósio contou com a participação do Chefe do Estado Moçambicano (há bem pouco tempo agraciado como Doutor “Honoris Causa” pela Universidade de Coimbra) e de outros membros do Governo de Moçambique (Ministro dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, Ministro da Coordenação Ambiental, Ministro das Obras Públicas e Habitação) bem como do Director do Gabinete do Plano do Zambeze. Esteve ainda presente o Secretário de Estado dos Recursos Naturais, de Portugal.

Estiveram presentes no III SILUSBA colegas de Angola, Brasil, Cabo Verde, Moçambique e Portugal. Colegas de S. Tomé e Príncipe enviaram comunicações mas a

dificuldade das viagens em África impediram a sua participação directa. Apenas a Guiné-Bissau esteve totalmente ausente. Não foi assim conseguido o objectivo de ter os 7 países representados, algo que esperamos que se concretize neste IV SILUSBA.

O III SILUSBA foi um momento de troca de ideias, de experiências profissionais mas também, e principalmente, de lançamento de pontes de cooperação institucional e de fortalecimento de relações humanas, questões fulcrais para o desenvolvimento num Mundo cada vez mais globalizado.

Pode-se dizer que, em algumas áreas de trabalho do Sector de Águas, o III SILUSBA é um marco de referência. De facto, o impulso da realização do SILUSBA possibilitou o lançamento e o reforço da cooperação entre o INAG e a DNA, interlocutores privilegiados em áreas chave do Sector de Águas em Portugal e Moçambique.

Diz-se que o sucesso cria obrigações. Não podia, por isso, a AMCT alhear-se do IV SILUSBA no que respeita à participação moçambicana. Envolve-mo-nos, por isso, na dinamização desse processo e, por isso, repetimos, estamos satisfeitos e orgulhosos pela presença moçambicana neste SILUSBA - pelo número de técnicos, pela diversidade de instituições e experiências que representam, pelas comunicações que apresentam, e, estamos certos, pela sua participação nos debates e no convívio que o SILUSBA também representa.

Encontros como o SILUSBA revestem-se duma importância enorme: permitem não só a discussão de problemas científicos mas também que as pessoas se conheçam. E que problemas similares ou soluções transponíveis tenham cara e voz. E, não menos importante, tudo se torna mais fácil quando discutimos na nossa própria língua e com um enquadramento institucional com traços similares, feito dum passado com muito de comum.

Relembramos já que o III SILUSBA contribuiu para o estabelecimento de canais entre os responsáveis governamentais portugueses e moçambicanos, na área dos recursos hídricos, e que, a partir daí, os laços institucionais se foram estreitando, existindo actualmente um programa sério de cooperação entre Portugal e Moçambique neste domínio.

Esta cooperação é tanto mais importante quanto pesa sobre o nosso País a realidade geográfica de ser a foz de 9 dos 15 rios internacionais que cruzam a África Austral. A situação torna-se bem mais delicada quando Moçambique – ainda um dos países mais pobres do Mundo – tem como vizinho de montante a África do Sul, um dos países mais poderosos do Continente, rico em recursos mas pobre em água.

Numa altura em que a situação política na África Austral se está a tornar mais turbulenta, Moçambique tem de lutar para garantir os seus recursos hídricos ameaçados e por promover condições ambientais requeridas para a preservação das suas praias e zonas costeiras assim como da alta qualidade do seu afamado camarão, importante fonte de divisas do País.

Esta conjuntura obrigou Moçambique a empenhar-se na revisão do Protocolo da SADC sobre os Rios Partilhados, procurando a adopção dum documento mais justo de relacionamento no tocante à partilha de águas.

Moçambique e Angola, países membros da CPLP, foram quem inicialmente mais se bateu pela necessidade de introduzir modificações na versão inicial do Protocolo. A eles se juntaram ulteriormente a maioria dos países da SADC, estando agora a chegar-se a uma versão do Protocolo bem mais consensual.

Para a consolidação das posições de Moçambique, contribuiu de forma muito importante o apoio do INAG, através dos seus responsáveis máximos, o eng. Pedro Serra e o eng. Mineiro Aires, assim como a preciosa colaboração do jurista Prof. Dr. Canelas de Castro. A experiência das instituições e dos técnicos portugueses ajudou Moçambique a libertar-se duma postura passiva e reactiva para uma outra, proactiva e dinâmica.

A gestão dos recursos hídricos é uma das áreas fundamentais para o desenvolvimento sócio-económico sustentável de Moçambique. Os problemas são inúmeros:

- ◆ a falta de infraestruturas adequadas para o abastecimento de água e saneamento, o que leva a que milhões de pessoas tenham um consumo de água inferior a 10 l/dia, sendo ainda obrigadas percorrer longas distâncias para a obter;
- ◆ a falta de infraestruturas hidráulicas, sobretudo barragens de armazenamento, que permitam mitigar as situações de cheias e secas que alternadamente têm devastado o País;
- ◆ a pressão dos países de montante sobre os recursos hídricos das bacias hidrográficas internacionais, colocando Moçambique em situação crítica;
- ◆ os problemas de poluição e degradação ambiental que se começam a registar em ligação com a implantação de novas indústrias e das utilizações de água nos países de montante;
- ◆ as concessões dos sistemas de abastecimento urbano e a necessidade de garantir o interesse público;
- ◆ os exageros da política económica neoliberal, os seus efeitos no sector de água e os impactos na população mais carenciada.

Perante esta gama de questões, a AMCT sente que deve aumentar o seu envolvimento neste domínio e promover um cada vez maior interesse e participação da sociedade civil no debate e na busca de soluções equilibradas. O SILUSBA é, nesse sentido, um grande apoio para nós.

A AMCT reafirma, por isso, a sua vontade de continuar a colaborar com a APRH, a ABRH e com outras organizações do mundo da CPLP na promoção e organização dos futuros SILUSBA e eventos similares bem como em outras iniciativas que contribuam para reforçar o conhecimento e os laços de amizade entre técnicos e cientistas dos nossos países.

Queremos agradecer os esforços da Comissão Organizadora Moçambicana, composta pelos colegas:

Álvaro Carmo Vaz

Rui Gonzalez

Carla Costa

Bento Mualoja

Rui Brito

Dipac Ramniclal

Agradecemos igualmente o apoio prestado pela Comissão Organizadora Portuguesa, nomeadamente pelos colegas Seabra Santos e Antunes do Carmo.

Fazemos votos que o IV SILUSBA corresponda inteiramente aos objectivos de todos os que nele se empenharam e contribua para projectar num futuro de fraternidade e cooperação as ligações que trazemos do passado comum.